

Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática 11

Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática 11

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências da saúde [recurso eletrônico] : da teoria à prática 11 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências da Saúde. Da Teoria à Prática; v. 11) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-403-0 DOI 10.22533/at.ed.030191306 1. Saúde – Aspectos sociais. 2. Saúde – Políticas públicas. 3. Saúde – Pesquisa – Brasil. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da. II.Série. CDD 362.10981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A multidisciplinaridade intrínseca nesta coleção é algo que temos discutido a cinco anos no centro oeste do país através do evento científico denominado CoNMSaúde. Sabemos que a saúde necessita urgentemente de rever alguns conceitos quanto à colaboração efetiva de todos os seus profissionais, e exatamente por isso temos buscado a cada ano reunir mais de doze áreas da saúde para debater ciência e dialogar juntos sobre os avanços da saúde em todos os seus aspectos. Vários pontos temos levantado a cada ano, todavia tem sido muito claro e notória a importância da orientação do acadêmico quanto à necessidade de trabalhar e cooperar com as áreas da saúde afins ao seu curso.

Assim a coleção “Ciências da Saúde: da teoria à prática” abordou de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos, revisões e inferências sobre esse amplo e vasto contexto do conhecimento relativo à saúde. Além disso, todo o conteúdo reuniu atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas em diversas regiões do país, que analisam a saúde em diversos dos seus aspectos, percorrendo o caminho que parte do conhecimento bibliográfico e alcança o conhecimento empírico e prático.

O último volume é um fechamento proposital com trabalhos em contextos diferentes da saúde que em determinados aspectos se relacionam e favorecem ao leitor indagações e reflexões quanto ao trabalho inter e multidisciplinar.

Com o dever cumprido finalizamos esta obra apresentando um panorama teórico e prático, propiciando um novo patamar para novas obras e publicações. Destacamos a fundamental importância uma estrutura como a Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem seus resultados. Nosso profundo desejo é que este contexto possa ser transformado a cada dia, e o trabalho aqui presente pode ser um agente transformador por gerar conhecimento em uma área fundamental do desenvolvimento como a saúde.

Benedito Rodrigues da Silva Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DIGNIDADE DA MORTE: O CUIDADO PALIATIVO COMO DIREITO FUNDAMENTAL	
Bruna Rafaeli Oliveira Mariza Schuster Bueno Sabrina Zimkovicz	
DOI 10.22533/at.ed.0301913061	
CAPÍTULO 2	17
A ETNOMUSICOLOGIA APLICADA A PESQUISAS EM SAÚDE COLETIVA	
Aline Veras Moraes Brilhante Ana Maria Fontenelle Catrib Elaine Saraiva Feitosa Epaminondas Carvalho Feitosa	
DOI 10.22533/at.ed.0301913062	
CAPÍTULO 3	30
A MÚSICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA REALIDADE DE ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL	
Andrea Ruzzi Pereira Mariana Melo Parreira Larissa Nascimento Marques	
DOI 10.22533/at.ed.0301913063	
CAPÍTULO 4	39
A PESQUISA-AÇÃO COMO CAMINHO PROMISSOR PARA INTERVIR FRENTE À VIOLÊNCIA ESCOLAR	
Leilane Lacerda Anunciação Sinara de Lima Souza Maria Geralda Gomes Aguiar (<i>in memoriam</i>) Rosely Cabral de Carvalho Aldalice Braitt Lima Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0301913064	
CAPÍTULO 5	54
AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM PARA TREINAMENTO DE CLASSIFICAÇÃO DE RISCO	
Paulo Roberto Anastacio Fábio De Sordi Junior Emiliana Cristina Melo	
DOI 10.22533/at.ed.0301913065	
CAPÍTULO 6	66
ANÁLISE DA CORRELAÇÃO ENTRE O LETRAMENTO EM SAÚDE E A ADEÇÃO FARMACOTERAPÊUTICA EM USUÁRIOS NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA DE SOBRAL - CE	
Ingrid Freire Silva Ana Cecília Silveira Lins Sucupira	
DOI 10.22533/at.ed.0301913066	

CAPÍTULO 7 79

ANÁLISE DA INCORPORAÇÃO DO TRASTUZUMABE NO ELENCO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Rosali Maria Ferreira da Silva
Melina Maria Soares Freitas
Jean Batista de Sá
Pollyne Amorim Silva
Williana Tôres Vilela
Maria Joanellys dos Santos Lima
Stéfani Ferreira de Oliveira
Aline Silva Ferreira
José de Arimatea Rocha Filho
Pedro José Rolim Neto

DOI 10.22533/at.ed.0301913067

CAPÍTULO 8 90

ANÁLISE DOS INCIDENTES NOTIFICADOS AO NOTIVISA NO ESTADO DO MARANHÃO NO PERÍODO DE 2014 A 2017

Giovanna Nunes Belo Mendes
Francisco Airton Veras de Araújo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.0301913068

CAPÍTULO 9 99

APROXIMAÇÕES ENTRE FENOMENOLOGIA E O MÉTODO DA CARTOGRAFIA EM PESQUISA QUALITATIVA

Severino Ramos lima de Souza
Ana Lúcia Francisco

DOI 10.22533/at.ed.0301913069

CAPÍTULO 10 112

AS VIVÊNCIAS DE LAZER DE ESTUDANTES INDÍGENAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Angela Ribeiro
Gabriela Machado Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03019130610

CAPÍTULO 11 123

BUSINESS INTELLIGENCE NO CAMPO DA SAÚDE PÚBLICA: SOLUÇÕES INOVADORAS PARA A TOMADA DE DECISÃO

Caroline Dias Ferreira
Rômulo Cristovão de Souza
Rodrigo Gomes Barreira

DOI 10.22533/at.ed.03019130611

CAPÍTULO 12 130

CARACTERIZAÇÃO, AVALIAÇÃO E CAPACITAÇÃO DOS MANIPULADORES DE ALIMENTOS DO COMÉRCIO AMBULANTE DE ALIMENTOS E BEBIDAS

Carla Cristina Bauermann Brasil
Juliane Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.03019130612

CAPÍTULO 13 143

COMUNIDADE AQUÁTICA: INTERAÇÃO, EXTENSÃO E APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

Angela Rodrigues Luiz
Pamylla Cristina Gonçalves Rodrigues
Norton França Souza Moraes
Pabline Lima de Souza Silva
Luana da Silva Santiago

DOI 10.22533/at.ed.03019130613

CAPÍTULO 14 147

CRIANÇA E ADOLESCENTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL: CONHECENDO A REDE DE SUPORTE FAMILIAR

Mayara Caroline Barbieri
Gabriela Van Der Zwaan Broekman
Regina Aparecida Garcia de Lima
Giselle Dupas

DOI 10.22533/at.ed.03019130614

CAPÍTULO 15 157

DIA MUNDIAL DA ORIENTAÇÃO / *WORLD ORIENTEERING DAY* – OFICINA DE DIVULGAÇÃO DO ESPORTE DE ORIENTAÇÃO NA UFG / REGIONAL CATALÃO

Cibele Tunussi
Carlos Henrique de Oliveira Severino Peters
Valteir Divino da Silva
Alvim José Pereira

DOI 10.22533/at.ed.03019130615

CAPÍTULO 16 164

ECOLOGIA DO TRABALHO DE PESCADORES ARTESANAIS DO MUNICÍPIO DA RAPOSA, MARANHÃO, BRASIL

Maria do Socorro Saraiva Pinheiro
José Manuel Peixoto Caldas

DOI 10.22533/at.ed.03019130616

CAPÍTULO 17 172

ENVELHECER COM QUALIDADE E PARTICIPAÇÃO: EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE

Priscila Maitara Avelino Ribeiro
Marta Regina Farinelli
Rosane Aparecida de Sousa Martins

DOI 10.22533/at.ed.03019130617

CAPÍTULO 18 181

FITOTERAPIA RACIONAL: ASPECTOS TAXONÔMICOS, AGROECOLÓGICOS, ETNOBOTÂNICOS E TERAPÊUTICOS - ANO 2017

Angela Erna Rossato
Sílvia Dal Bó
Roberto Recart dos Santos
Keli Alves Mengue
Fernando Oriques Pereira
Maria Eduarda Alves Ferreira
Vanilde Citadini-Zanette

DOI 10.22533/at.ed.03019130618

CAPÍTULO 19	202
GRUPO MOVEER: PROJETO DE DANÇA PARA INDIVÍDUOS COM PARALISIA CEREBRAL	
Caren Luciane Bernardi	
Bruna Ledur	
Maria Laura Schiefelbein	
Caroline Santos Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.03019130619	
CAPÍTULO 20	207
IDENTIDADE PROFISSIONAL E A PRÁTICA COLABORATIVA EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA	
Elaine Amado	
Rosana Quintela Brandão Vilela	
Maria da Piedade Gomes de Souza Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.03019130620	
CAPÍTULO 21	215
INSERÇÃO DE PROFISSIONAIS NA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SAÚDE DA FAMÍLIA	
Emir Dirlan Lima de Oliveira	
Cristiane Ferreira dos Santos	
Camile Dalla Corte de Araújo	
Márcia Yane Girolometto Ribeiro	
Catheline Rubim Brandolt	
Dyan Jamilles Brum Maia	
DOI 10.22533/at.ed.03019130621	
CAPÍTULO 22	219
LIGA ACADÊMICA DE NEFROLOGIA: CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA EM EXTENSÃO	
Gilberto Baroni	
Eduardo de Souza Tolentino	
DOI 10.22533/at.ed.03019130622	
CAPÍTULO 23	225
NÚCLEO DE APOIO A SAÚDE DA FAMÍLIA E AS MUDANÇAS NA ATENÇÃO À SAÚDE NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA	
Alexia Nascimento Matos de Freitas	
Gizelly Braga Pires	
DOI 10.22533/at.ed.03019130623	
CAPÍTULO 24	235
NOVA REPRESENTAÇÃO DA CADEIA DE VALOR EM UMA COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO	
Maria Benedita Mendes Costa	
Ana Claudia Mendes	
Priscila Fernanda Chaves Morais Boato	
Francisco Antonio Tavares Junior	
Leonardo de Abreu Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.03019130624	

CAPÍTULO 25	241
O BRINCAR E A REALIDADE NO CONTEXTO DA CLÍNICA INFANTIL DE ORIENTAÇÃO ANALÍTICA: UM ESTUDO DE CASO	
Janaína Schultz Jerto Cardoso da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.03019130625	
CAPÍTULO 26	256
O JORNAL COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE E PROTAGONISMO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA	
Amanda Fernanda Damasceno Saraiva de Sousa Lóren-Lis Araújo Letícia Rebeca Soares Melo Railan Bruno Pereira da Silva Pedro Wilson Ramos da Conceição	
DOI 10.22533/at.ed.03019130626	
CAPÍTULO 27	268
O MODO DE PRODUIR CUIDADO PELOS TRABALHADORES COMO DIMENSÃO DE ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO BRASIL	
Erica Menezes Magda Scherer Marta Verdi Ana Paula Marques	
DOI 10.22533/at.ed.03019130627	
CAPÍTULO 28	275
PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE UM CURSO DE MEDICINA SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	
Rafaela Tenório Passos Francisco José Passos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.03019130628	
CAPÍTULO 29	287
PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS ATENDIDOS PELO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA NO MUNICÍPIO DE PIRIPIRI-PI	
Antonio Evanildo Bandeira de Oliveira Bruna Daniella de Sousa de Lima Maria de Jesus Trindade da Silva Evaldo Sales Leal	
DOI 10.22533/at.ed.03019130629	
CAPÍTULO 30	298
PERDA AMBÍGUA: O LUTO INCERTO	
Winthney Paula Souza Oliveira Silvina Rodrigues de Oliveira Pedro Wilson Ramos da Conceição Mônica dos Santos de Oliveira Jardell Saldanha de Amorim Francisca Tatiana Dourado Gonçalves Rudson Vale Costa Evando Machado Costa Amanda Fernanda Damasceno Saraiva de Sousa Eliane Vanderlei da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.03019130630	

CAPÍTULO 31 307

PET-SAÚDE: O IMPACTO DO PROGRAMA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL MÉDICO

Narjara Fontes Xavier
Julius Caesar Mendes Soares Monteiro
Cezar Augusto Muniz Caldas
Carla Andrea Avelar Pires

DOI 10.22533/at.ed.03019130631

CAPÍTULO 32 317

PET-SAÚDE/GRADUASUS: CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM FISIOTERAPIA

Natanny Caetano da Silva
Tamine Vitória Pereira Moraes
Leandra Aparecida Leal
Daisy de Araújo Vilela
Patrícia Leão Da Silva Agostinho
Ana Lúcia Rezende Souza
Thaís Rocha Assis

DOI 10.22533/at.ed.03019130632

CAPÍTULO 33 324

POLÍTICAS DE INCENTIVO AO PARTO NORMAL: NÚMEROS DE UM HOSPITAL ESCOLA

Laryssa de Col Dalazoana Baier
Ana Paula Xavier Ravelli
Suellen Vienscoski
Regiane Hoedtke
Pollyanna Kássia de Oliveira Borges

DOI 10.22533/at.ed.03019130633

CAPÍTULO 34 334

PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR NO MANEJO DE UM CASO CLÍNICO COMPLEXO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kezia Cristina Batista dos Santos
Tamires Barradas Cavalcante
Gabriela Sellen Campos Ribeiro
Adrielly Haiany Coimbra Feitosa
Mirtes Valéria Sarmiento Paiva
Rita da Graça Carvalhal Frazão Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.03019130634

CAPÍTULO 35 342

REFLEXÃO ACERCA DOS DIREITOS DO PACIENTE COM ESTOMIA INTESTINAL DE ELIMINAÇÃO NO CONTEXTO DO SUS

Francisco João de Carvalho Neto
Maria Mileny Alves da Silva
Renata Kelly dos Santos e Silva
Gabriela Araújo Rocha
David de Sousa Carvalho
Ana Karoline Lima de Oliveira
Denival Nascimento Vieira Júnior
Maria da Glória Sobreiro Ramos
João Matheus Ferreira do Nascimento
Zeila Ribeiro Braz
Camila Karennine Leal Nascimento
Maria Luziene de Sousa Gomes
Sarah Nilkece Mesquita Araújo Nogueira Bastos

DOI 10.22533/at.ed.03019130635

CAPÍTULO 36 364

SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA: DIFICULDADE DA EQUIPE DE SAÚDE FRENTE ÀS EMERGÊNCIAS OBSTÉTRICAS

Amanda Ribeiro Figueiredo
Ingrid Karollyne Vilar Ferreira
Alberiza Veras de Albuquerque
Bruna Teles dos Santos Motta
Silvio Conceição Silva
Marilene Dos Santos Farias
Iago Colaço de Souza
Jennifer Oliveira de Araújo
Jamile Cavalcante da Silva
Ítalo Colaço de Souza
Aleksandra Pereira Costa

DOI 10.22533/at.ed.03019130636

CAPÍTULO 37 380

SERVIÇOS DE SAÚDE E A INCLUSÃO MASCULINA: VIVÊNCIAS DOS PAIS DE CRIANÇAS COM MALFORMAÇÃO FETAL NO SERVIÇO DE PRÉ-NATAL

Géssica Martins Mororó
Aline de Carvalho Martins

DOI 10.22533/at.ed.03019130637

CAPÍTULO 38 385

SISTEMA AGROFLORESTAL EM UNIDADES DE AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU, PA: ESTUDO DE CASO

Thaise Cristina Dos Santos Padilha
Edilaine Borges Dias
Lyssa Martins de Souza
Walmer Bruno Rocha Martins
Paula Cristiane Trindade

DOI 10.22533/at.ed.03019130638

CAPÍTULO 39 385

SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA ASSOCIADO AO *BULLYING*

Aline Sharlon Maciel Batista Ramos
Laurinete Lopes Ferreira Torres
Rafael Mondego Fontenele
Hariane Freitas Rocha Almeida
Cianna Nunes Rodrigues
Francisca Maria Ferreira Noronha
Isabela Bastos Jácome De Souza
Débora Luana Ribeiro Pessoa

DOI 10.22533/at.ed.03019130639

CAPÍTULO 40 395

VULNERABILIDADE DE CAMPO MOURÃO - PR AOS EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS EM ANOS DE EL NIÑO, LA NIÑA OSCILAÇÃO SUL

Danieli De Fatima Ramos
Katiúscia Naiara Ariozi Lima
Victor Da Assunção Borsato

DOI 10.22533/at.ed.03019130640

CAPÍTULO 41 405

ACOLHIMENTO EM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL: A PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES

Sinara de Lima Souza
Paulo Amaro dos Santos Neto
Catarina Luiza Garrido de Andrade Macedo
Amanda de Souza Rios
Lais Queiroz Oliveira Marques
Rosely Cabral de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.03019130641

CAPÍTULO 42 419

PRINCIPAIS MICOSES SUPERFICIAIS E SEUS RESPECTIVOS AGENTES ETIOLÓGICOS PRESENTES NO BRASIL

Amanda Torres Nunes
Isabele Castro de Aguiar
Mayara Carvalho Ramos
Antonio Francisco Ferreira da Silva Júnior

DOI 10.22533/at.ed.03019130642

CAPÍTULO 43 424

CARACTERIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA PRESTADA PELO ENFERMEIRO DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA NA ATENÇÃO DOMICILIAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Elizama Costa dos Santos Sousa
Graziele de Sousa Costa
Samantha Vieira da Silva
Valder Oliveira Sabóia Neto
Julianna Thamires da Conceição
Samuel Oliveira da Vera
Renata da Rocha Albuquerque

DOI 10.22533/at.ed.03019130643

CAPÍTULO 44 435

HIDROCARBONETOS AROMÁTICOS POLICÍCLICOS NOS ALIMENTOS E SEU EFEITO TÓXICO: UMA REVISÃO

Bewlthiane Maria dos Santos Carvalho
Antônio Jason Gonçalves da Costa
Fernanda Maria de Carvalho Ribeiro
Bárbara Karoline Rêgo Beserra Alves
Leandra Caline dos Santos
Francisca Camila Batista Lima
Carlos Eduardo Pires da Silva
Leyla Lumara Cabral Soares Pimentel
Priscila da Silva
Tamires Claudete dos Santos Pereira
Tamires Amaro Rodrigues
Stella Regina Arcanjo Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.03019130644

SOBRE O ORGANIZADOR..... 446

APROXIMAÇÕES ENTRE FENOMENOLOGIA E O MÉTODO DA CARTOGRAFIA EM PESQUISA QUALITATIVA

Severino Ramos lima de Souza

Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE

Recife - Pernambuco

Ana Lúcia Francisco

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Recife - Pernambuco

RESUMO: O presente artigo é um recorte da metodologia do Projeto de Tese em desenvolvimento no Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, Brasil. Pretende-se apresentar e discutir o Método da Cartografia em pesquisa qualitativa e suas possíveis aproximações com a fenomenologia. Originalmente, a cartografia como método de pesquisa foi proposto por Félix Guattari e Gilles Deleuze, ambos vinculados ao movimento pós-estruturalista. Os referidos autores se dedicaram ao estudo e análise de processos e produção de subjetividades. No Brasil, esta metodologia é relativamente recente, mas com contribuições muito significativas em pesquisas no campo da saúde coletiva, educação e políticas públicas. O modo como vem sendo apresentado e praticado por pesquisadores brasileiros tem nos levado a pensar em possíveis articulações com a fenomenologia enquanto modo de apreensão da realidade. Nessa direção, pensamos que este artigo poderá trazer contribuições para

as pesquisas que se encaminham por um viés fenomenológico e, por aproximação, aos estudos na perspectiva centrada na pessoa em virtude de sua vertente epistemológica.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia, Método da Cartografia, pesquisa qualitativa

ABSTRACT: This article is an excerpt of the Thesis Project methodology development in the Doctoral Program in Clinical Psychology from the Catholic University of Pernambuco, Brazil. It is intended to present and discuss the cartography of the method of qualitative research and its possible approaches to phenomenology. Originally, the cartography as a research method was proposed by Felix Guattari and Deleuze, both linked to the post-structuralist movement. These authors have dedicated themselves to the study and analysis of production processes and subjectivities. In Brazil, this methodology is relatively new, but very significant contributions to research in the field of public health, education and public policy. The way has been presented and practiced by Brazilian researchers has led us to think about possible links with phenomenology as apprehension of reality mode. In this direction, we think this article may bring contributions to research on their way for a phenomenological bias, and approach, to study in perspective centered in the person by virtue of its epistemological aspect.

KEYWORDS: Phenomenology, Cartography Method, Qualitative Research.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende discutir questões metodológicas relacionadas à pesquisa qualitativa, propondo uma aproximação entre a fenomenologia e o método da cartografia. A ideia emergiu a partir do grupo de estudo e leitura dirigida sobre o método cartográfico, do qual estamos participando, há um ano e meio, dentro do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Nossa aproximação com a fenomenologia e com o pensamento fenomenológico-existencial, possui um percurso mais antigo. Reporta-nos aos fins da década de 1980 quando concluímos a graduação em filosofia. De tudo o que foi apresentado a nós dentro da trajetória do pensamento ocidental, até aquele momento, a fenomenologia emergiu como campo de interesse, vindo a se expandir, posteriormente, para aprofundamentos em torno da perspectiva fenomenológico-existencial no campo da psicologia.

Todavia, o primeiro contato com a metodologia da cartografia aconteceu há, aproximadamente, dois anos, no grupo de supervisão institucional que, há mais de vinte anos, vem se dedicando ao estudo e reflexão sobre a prática desenvolvida na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE), órgão do Poder Executivo do Governo de Pernambuco, ligado à Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude (SDSCJ), responsável pela internação provisória e execução das medidas socioeducativas de semiliberdade e internação de adolescentes em conflito com a lei e autores de atos infracionais. E, neste contexto específico, as orientações relativas à prática do método da cartografia têm sido muito valiosas para a produção de compreensões possíveis das situações e do cotidiano institucional.

À medida que fomos adentrando no estudo das *Pistas do método da cartografia*, apresentadas em dois volumes (Passos, Kastrup & Escóssia, 2012; Passos, Kastrup & Tedesco, 2014), tornavam-se mais explícitas, para nós, conexões com os princípios gerais da fenomenologia, tendo em vista que ambas se constituem, fundamentalmente, como epistemologias que põem em questão o modo de produção de conhecimento pautado nos direcionamentos e desdobramentos impingidos pelo cartesianismo positivista.

São os pontos de liga que nos interessam trazer para esta discussão como possibilidade de contribuição com o debate relacionado às metodologias em pesquisas qualitativas no âmbito da psicologia, em especial àquelas vinculadas ao enfoque fenomenológico existencial. Com esta intenção, iniciaremos por uma abordagem a respeito da fenomenologia, em suas linhas mais gerais, seguindo-se com a apresentação do método da cartografia através de algumas de suas pistas. E, nas considerações finais, discutir as possíveis aproximações entre ambas no contexto da prática de pesquisa e das metodologias qualitativas.

2 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FENOMENOLOGIA

A tradição fenomenológica, tal como a conhecemos na atualidade, tem sua formulação mais consistente a partir dos estudos de Edmund Husserl (1859 – 1938), tornando-se uma das principais correntes do pensamento ocidental no século XX, encontrando na França e na Alemanha, sobretudo, terreno fértil para se desenvolver. Os desdobramentos do pioneirismo das formulações husserlianas tomaram caminhos distintos daqueles propostos originalmente, resultando em diferentes perspectivas dentro da fenomenologia. Desse modo, pode-se falar em uma fenomenologia husserliana, merleau-pontyana ou heideggeriana, entre outras.

Porém, para efeito deste estudo, tomaremos algumas das proposições mais gerais da fenomenologia enquanto modo de aproximação da realidade, sem especificar em qual das perspectivas estamos nos apoiando. Embora reconheçamos as contribuições específicas de cada um dos pensadores (Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger), nosso desejo, aqui, é valorizar a fenomenologia enquanto movimento filosófico que trouxe à tona questionamentos epistemológicos fundamentais sobre o modo de como o homem conhece o mundo e a si mesmo.

Preliminarmente e de maneira breve, consideramos importante fazermos algumas pontuações a respeito da política cognitiva em relação a qual a fenomenologia erige seus questionamentos, posicionando-se como uma outra via para compreensão do modo como o homem produz o conhecimento.

Nossa tradição ocidental moderna, inaugurada com Descartes, traz uma preocupação fundamental quanto a validade do conhecimento e sobre as bases nas quais estaria respaldado. Para o filósofo, todo conhecimento, até então, produzido não passaria de opiniões, pontos de vista e, por isso, passíveis de questionamentos. Ao questioná-los, Descartes desejava estabelecer critérios que possibilitassem a aquisição de conhecimentos verdadeiros, seguros e inquestionáveis. Tomando o caminho da “dúvida metódica” ele chega à conclusão – não por demonstração, mas por intuição - de que a única coisa da qual não pode duvidar é do “cogito” (eu penso).

Como desdobramento da sua linha de raciocínio, Descartes estabelece quatro regras fundamentais para o ordenamento do pensamento:

1. “Não incluir nos meus juízos nada além daquilo que se apresenta à minha inteligência tão clara e distintamente que exclua qualquer possibilidade de dúvida”. 2. “Dividir todo problema que se tem de estudar em tantas partes menores quantas forem possível e necessárias para melhor resolvê-los”. 3. “Conduzir meus pensamentos com ordem, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir aos poucos, como por degraus, ao conhecimento dos mais complexos, e supondo uma ordem também entre aqueles dos quais uns não procedem naturalmente dos outros”. 4. “Fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais que tenha a segurança de não ter omitido nada” (apud Mondin, 1981, p. 66-67).

Na primeira regra, fica patente o critério de verdade enunciado por Descartes que irá nortear o projeto científico da modernidade: clareza e distinção. Diz-nos o filósofo:

Chamo *clara* uma percepção que está presente e é aberta à mente atenta; do mesmo modo dizemos que vemos com clareza quando as coisas, presentes ao nosso olho, nos movem forte e abertamente. Chamo *distinta* aquela percepção que, sendo clara, é tão disjunta e separada de todas as outras que não contém em si nada além do que é claro (apud MONDIN, 1981, p. 67).

A racionalidade cartesiana vai tomando a forma de um método capaz de balizar a validade do conhecimento produzido, elevando-o ao status de ciência, mediante critérios bem definidos, a saber: observação, controle, mensuração, previsão e generalização. O propósito do “método” vai se caracterizar pela necessidade de “neutralização” e de “controle” dos elementos e variáveis subjetivos com vistas à “objetividade pura”, decorrente do “isolamento” do sujeito de sua história e dos seus afetos (no sentido de afetabilidade).

Podemos afirmar, portanto, que as questões relativas à produção do conhecimento foram o cerne das preocupações filosóficas no período que se convencionou denominar modernidade. De modo geral, as indagações giravam em torno de quem é esse sujeito do conhecimento e das condições nas quais se dá a possibilidade de o mundo ser conhecido. Racionalistas, Empiristas e Idealistas, dos mais diferentes matizes, debruçaram-se no entendimento desses questionamentos, porém, cada um a seu modo e de pontos de partida diferentes, realçaram a razão como a única mediação possível na aquisição e produção de conhecimento cientificamente válido, relegando para segundo plano todos os outros modos de conhecimento e aproximação da realidade.

Desse modo, a partir das referências modernas, conhecimento cientificamente válido passou a ser aquele produzido mediante o controle das variáveis subjetivas, racionalmente articulado, na perspectiva do estabelecimento de relações lineares de causalidade, com vistas ao alcance de uma verdade ou conceito generalizável, universal, uno e, por isso, inquestionável por sua objetividade. Nessa linha de raciocínio, o sujeito que aparece e que interessa a esses propósitos é o “sujeito pura razão”, desenraizado das suas determinações e condições sócio-históricas, abduzido do mundo para contemplá-lo à distância. Esta política de produção do conhecimento foi denominada por alguns estudiosos de metafísica.

Como perspectiva hegemônica na história do pensamento ocidental, a metafísica impôs um modo de racionalidade totalizante, universalista e generalizante, a partir de uma concepção de subjetividade entendida como interioridade e de um sujeito racionalmente pleno de si, separado do mundo; este entendido como exterioridade, composto de coisas e realidades a serem apreendidas, mediante a aplicação de um método asséptico, capaz de conduzir a razão às certezas empiricamente comprovadas.

O grande projeto encarnado pelo pensamento moderno foi a matematização do mundo, a dominação da natureza e do homem e, na perspectiva social, construir uma ordem que maximiza o desempenho, a funcionalidade e a produtividade (DRAWIN, 2009).

Evidentemente que esta política gnosiológica implementada pela metafísica

promoveu, e ainda promove, avanços incontestáveis no âmbito das ciências, sobretudo em relação às denominadas “ciências duras” ou naturais. A questão que se coloca é o modo como esta política se impôs às demais áreas do conhecimento como sendo o único critério de cientificidade, em especial às aquelas que têm como campo de estudo o próprio homem.

É neste contexto que o pensamento fenomenológico emerge como um contraponto aos critérios estabelecidos pela metafísica à produção do conhecimento cientificamente válido. Na contramão, a fenomenologia vem valorizar o particular, o singular, o território, a perspectiva. Contudo, não se trata de afirmar a primazia desta sobre a metafísica porque não há essa pretensão no movimento fenomenológico mas, tão somente, posicionar-se como outra via a partir de outra epistemologia. E é exatamente como uma perspectiva alternativa que a fenomenologia se autocompreende e se propõe a ser.

Valorizar o aspecto da perspectiva no processo de produção do conhecimento põe em questão a necessidade e a possibilidade de verdades universais e absolutas, para se considerar a relatividade, a provisoriedade, a mutabilidade das coisas e daqueles que sobre elas se debruçam na tarefa de conhecê-las, bem como o que daí se produz de conhecimento. (Critelli, 1996).

Desse modo, a fenomenologia entende que o processo de conhecer não se dá pela “retirada” do sujeito do seu processo de existir, uma vez que, em última análise, a necessidade de conhecer uma determinada realidade, ou qualquer outra coisa, emerge da angústia e da inquietação que se instala no sujeito por sua copertença ao mundo. Nesta concepção, o mundo emerge como campo provocativo às múltiplas possibilidades do conhecer e do compreender, em um movimento dialógico incessante. Ou seja, existir já é conhecer, já é compreender, mesmo que de modo intuitivo, visceral e, às vezes, precário, porque existir se dá, inexoravelmente, como abertura ao mundo, aos outros e a si mesmo.

A fenomenologia, portanto, vem propor uma desconstrução da metafísica reposicionando o homem e o mundo como instâncias co-originárias e não separadas. Homem e mundo, sujeito e objeto são coemergentes, pois, para a perspectiva fenomenológica, não existe o homem em si e nem o mundo em si, ambos são mutuamente constitutivos. Os “em si” pertencem às concepções representacionais, para as quais homem e mundo são instâncias apartadas, podendo ser representados e apreendidos através da prévia formulação de conceitos sobre eles, uma vez que não podem ser acessados diretamente. E, para a captura do que são, em sua verdade mais pura, ou seja, em sua essência (conceito), fazia-se necessário o controle das variáveis subjetivas para não interferir no trabalho da razão.

Para a superação da polarização entre o homem, de um lado (interioridade), e o mundo do outro (exterioridade), a fenomenologia propõe o conceito de intencionalidade da consciência. Aqui merece um breve esclarecimento sobre o modo de como a fenomenologia compreende o que vem a ser consciência. Ela não é um compartimento

dentro da cabeça do sujeito, nem uma unidade psicofísica; também não se confunde com “aquilo que o sujeito sabe e domina intelectivamente”; não se encontra em uma dimensão de interioridade pura e nem de exterioridade pura. Por ser intencional, a consciência é, exatamente, a experiência do “entre” homem-mundo, sujeito-objeto, interioridade-exterioridade, a estabelecer a condição de inseparabilidade, copertença e coemergência. Este “entre” é, por assim dizer, o caráter intencional da consciência.

Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta *correlação* que lhes é, de alguma maneira, co-original. Se a consciência é sempre “consciência *de* alguma coisa” e se o objeto é sempre “objeto *para* a consciência”, é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto. (Dartigues, 1992, p. 19. grifos do autor).

A consciência, portanto, pode ser compreendida como a experiência mesma de estar sendo-no-mundo, como abertura, sentido, direcionamento, enfim, como intencionalidade. E, por conseguinte, a questão da intencionalidade, para o movimento fenomenológico, constitui-se pedra fundamental, ponto de viragem em relação à racionalidade metafísica.

A forma peculiar com a qual a fenomenologia entende o que é conhecer, realça o movimento de implicação do sujeito com o mundo, com a realidade, sendo este movimento mesmo, condição e possibilidade de produção de conhecimento, pondo em questão qualquer proposição de neutralidade, sobretudo no campo das ciências sociais e humanas. Amatzuzi (2010, p. 227) nos esclarece:

Qualquer estudo que eu faça é sempre um estudo situado, que se refere na verdade ao objeto tal como ele aparece em uma relação comigo, tal como ele me interessa, tal como ele se faz presente em um dinamismo de conhecimento, de curiosidade, de desafio, de espanto, que é meu e do grupo humano do qual sou porta-voz.

O conceito de implicação íntegra, portanto, uma dimensão do conhecer que é da ordem da experiência de se encontrar em um mundo/campo, aberto às intensidades afetivas, aos movimentos e processos no modo como eles se dão em um horizonte significativo a partir do qual se torna possível articular sentidos.

Enquanto método de pesquisa, a fenomenologia propõe, em linhas gerais, o despojamento de qualquer conceito prévio sobre o que se pretende investigar, como uma disposição de abertura ao fenômeno mesmo, em seu modo mais originário de dar-se e manifestar-se. O que se interroga é o fenômeno em sua aparição e singularidade, sem a mediação do que já se sabe de antemão sobre ele. Cabe àquele que interroga a tarefa de descrever, o mais detalhadamente quanto possível, o modo próprio do fenômeno se manifestar, dentro do horizonte hermenêutico a partir do qual se torna possível sua compreensão e articulação de sentidos.

Por sugerir uma metodologia descritiva e não explicativa, a fenomenologia visa mais a compreensão dos fenômenos e menos a explicação destes, por entender que explicar é da ordem dos conceitos e da linearidade causal, e compreender convoca

o sujeito na sua relação imediata com o que deseja conhecer, trazendo à tona uma dimensão no processo de conhecer que é da ordem da experiência e da vivência. Nessa medida, a fenomenologia favorece o reconhecimento da inseparabilidade homem-mundo, sujeito-objeto na produção do conhecimento e no ato de pesquisar, levando-nos à superação da política cognitiva metafísica, a qual pressupõe o pensamento dicotômico, classificatório, disjuntivo e, ao mesmo tempo, direcionado a verdades universais conclusivas.

Como metodologia de pesquisa, a fenomenologia propõe o exercício do pensamento aberto como atitude de acolhimento àquilo que se apresenta ao olhar do pesquisador na sua relação imediata com o seu objeto de estudo, sem a mediação dos a priori sobre o que se estuda, abrindo-se às possibilidades do compreender dentro do horizonte temporal e hermenêutico que sustenta pesquisador-objeto-campo.

É nesta mesma direção que a cartografia, como método de pesquisa, posiciona-se, o que pode ser explicitado em algumas das diretrizes ou pistas que orientam o trabalho de pesquisa de inspiração cartográfica.

3 | O MÉTODO DA CARTOGRAFIA

Originalmente, a cartografia diz respeito à elaboração e utilização de mapas e de cartas relacionadas às inquietações dos seres humanos em conhecer o mundo no qual habita. Cartografar, então, assemelha-se a uma arte. Mas, também é uma ciência, pois se refere a habilidade de elaborar mapas, cartas ou outras formas de representar, descrever detalhadamente ou expressar objetos, fenômenos, ambientes físicos e socioeconômicos, e utilizá-los. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], s. d.).

A cartografia como método de pesquisa, no âmbito das ciências sócio-humanas, foi sugerida por Félix Guattari e Gilles Deleuze, em 1995, dentro dos estudos relativos ao acompanhamento de processos e produção de subjetividades. Para estes autores, os modelos e métodos de pesquisa, àquela época existentes, não se adequavam aos objetos de suas investigações em virtude de se pautarem em lógicas representacionais. Ambos, são pensadores da corrente pós-estruturalista francesa com contribuições marcantes no que se refere à crítica ao reducionismo da psicanálise, a partir da esquizoanálise.

No livro *Mil platôs* (2011), os autores acima citados inserem a cartografia nos princípios do conceito de rizoma para se referir ao modo como concebem produção de subjetividades. Compreendido como mapa, o rizoma “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. (Deleuze & Guattari, 2011, p. 30). Os princípios rizomáticos, tal como os autores descrevem, apoiam-se em um tipo de racionalidade para além das articulações binárias de causa e efeito, contrapondo-se aos modelos demonstrativos-representacionais, derivados de uma racionalidade cartesiana-positivista-calculante.

Inspirados pelos princípios apontados por Deleuze e Guattari, um grupo de pesquisadores e professores cariocas se reuniram, uma vez por mês, entre os anos de 2005 a 2007, com o objetivo de elaborar as pistas do método da cartografia. Estes encontros resultaram, em 2009, na publicação da primeira edição do livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kasrtrup e Liliana da Escóssia. E, em 2014, surgiu o segundo volume, *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*, tendo sido organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Silvia Tedesco. No Brasil, estes dois volumes, no momento, é o que temos de estudos sistemáticos sobre a prática da cartografia em diferentes contextos de pesquisa, em especial, no campo das ciências sociais, políticas públicas e saúde coletiva.

Embora ainda recente no contexto brasileiro de pesquisas qualitativas, a cartografia vem, progressivamente, conquistando espaços de estudos nas academias, tomando maior consistência no âmbito de sua prática como método, com resultados muito significativos e interessantes no que diz respeito ao acompanhamento de processos e produção de subjetividades.

O desafio que nos lança o método da cartografia, em linhas gerais, é o de exercitar a sustentação da abertura de pensamento para receber, sem pré-conceitos, tudo o que for se apresentando no processo de pesquisar como condição de possibilidade para se produzir conhecimento pertinente e consistente. Todavia, urge reafirmar que, embora não se defina por um conjunto de procedimentos a priori, não significa que a cartografia aconteça na ausência total de orientações, as quais são designadas como pistas.

Considerando que o nosso propósito, aqui, é fomentar uma discussão preliminar quanto a possibilidade de aproximação entre fenomenologia e o método da cartografia, traremos apenas algumas das suas pistas, como um “aperitivo”. Como forma de conferir organicidade ao texto e, ao mesmo tempo, traduzir para o leitor o modo como as pistas são interdependentes e complementares, elas serão sinalizadas com destaques em negrito, com as devidas referências para aprofundamentos posteriores. Ainda, cumpre-nos registrar que, evidentemente, o método da cartografia traz outras tantas reflexões interessantes no âmbito da pesquisa qualitativa que poderão ser aprofundadas em momento oportuno.

Acompanhar processos (Barros & Kastrup, 2012) é ao que se destina o método da cartografia. São os processos e a dimensão interventiva a orientar sua prática e não metas e objetivos previamente definidos. Não se trata, contudo, de negligenciá-los ou eliminá-los, porque nenhuma pesquisa que almeje um certo rigor acontece sem o mínimo de parâmetros e de propósitos. Porém, as metas e os objetivos são móveis e flexíveis por encontrarem-se subordinados aos caminhos que vão sendo desdobrados no próprio processo do pesquisar, que acontece como intervenção. Por esta razão, a proposta cartográfica sugere uma reversão da concepção tradicional de método (*metá-hódos*) para *hódos-metá* porque a primazia recai sobre a experiência do caminhar da

pesquisa.

Caracterizando-se como uma prática de pesquisa que tem por objetivo o acompanhamento de processos, a cartografia, inevitavelmente, traz um forte viés interventivo e, por esta razão, assume o caráter de **pesquisa-intervenção**. (Passos & Benevides de Barros, 2012). Pesquisar é intervir na realidade e não apenas representá-la. Contudo, a intervenção que a pesquisa opera não é unilateral, ou seja, ela não se dá em um sentido único. Todos os que estão envolvidos na pesquisa, estão implicados em todo o processo. Portanto, pesquisador-pesquisados-campo sofrem os efeitos do ato de pesquisar.

Por ser interventiva, a perspectiva da cartografia supõe, inevitavelmente, o mergulho do pesquisador no campo onde acontecerá sua investigação. Este mergulho implica o cartógrafo nos movimentos das forças, das intensidades e dos afetos circulantes, de modo a compor, com sua presença e ações, **o coletivo de forças como plano de experiência cartográfica** (Escóssia & Tedesco, 2012) que, em seus movimentos, vai desenhando e fazendo emergir paisagens e mapas (formas e realidades), também em movimento. Explicitar os fios que estão a urdir este plano, acompanhar os seus traçados, compreender seus efeitos sobre o pesquisador, o objeto de estudo e sobre a produção do conhecimento que vai se tornando possível construir, é a expressão mesma do ato de pesquisar.

Nessa medida, a pesquisa cartográfica acontece mediante o envolvimento implicado e reflexivo do pesquisador com tudo e com todos que participam da composição do campo. Presume-se, portanto, que não há qualquer pretensão à neutralidade. Pesquisador, objeto e pesquisados, encontram-se em um mesmo plano comum no qual estão implicados, inseparavelmente. (Passos & Benevides de Barros, 2012).

A **dimensão do comum** (Kastrup & Passos, 2014) à qual se refere a cartografia não é a mesma coisa de homogeneidade. Diz respeito à dimensão processual da realidade na qual todos estão implicados, participando, com sua singularidade, da tecitura de um mundo comum, o qual se apresenta heterogêneo, diverso, múltiplo, fazendo emergir o entendimento de uma realidade complexa. O sentido de comum, na perspectiva da cartografia, refere-se à experiência de pertencimento por habitar um mesmo território de práticas com-partilhadas em meio a um coletivo de forças evidenciado pelas tramas que as sustêm. Partilha e pertencimento são expressões (no sentido de atitudes e comportamentos) que produzem e efetivam o comum porque, como nos dizem os autores acima referidos, “o comum é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos” (p. 21).

Nessa linha de raciocínio, o plano comum rompe com o que é da ordem da verticalidade (que hierarquiza os diferentes) e da horizontalidade (que iguala e homogeneiza) para se firmar na transversalidade onde

não é mais possível ou necessária a fixação de fronteiras separando saberes e atores, onde se inclui a dimensão do “fora” das organizações ou formas instituídas,

onde se atravessam diferentes semióticas (significantes e não significantes), onde o grupo experimenta sua dimensão de coletivo. (Kastrup & Passos, 2014, p. 18).

Pode-se, desse modo, afirmar que a prática cartográfica traz consigo, como condição de sua efetividade, um posicionamento inclusivo e participativo no qual as diferenças são valorizadas em todas as suas dimensões, como singularidades a compor o coletivo de forças, como plano comum. Nessa medida, a prática da pesquisa deixa de ser uma elaboração do pesquisador sobre um determinado campo/território e sobre os sujeitos que nele habitam para se tornar uma experiência de co-engendramento, inclusive do próprio pesquisador, materializada pela ação de “estar com”, superando a relação de oposição entre este e os sujeitos pesquisados. Assim, assegura-se na prática da pesquisa a relação de coprodução e de coemergência.

Por conseguinte, Kastrup e Passos (2014) entendem que a pesquisa, como ação de “estar com”, é uma aposta na produção coletiva do conhecimento por intermédio da combinação simultânea do acesso e da construção do plano comum entre pesquisadores e pesquisados. Nessa configuração, a pesquisa acontece como ação em movimento em um determinado contexto.

Para a cartografia, não há cisão entre pesquisar e agir, entre saber e fazer. Conhecer uma dada realidade é, simultaneamente, transformá-la, criá-la e recriá-la, pois ela está sempre em movimento, em processo, assim como o pesquisador. Mergulhar nesse movimento é transformar e transformar-se. E, desse modo, pesquisar vai se constituindo em uma experiência do pesquisador com o seu objeto de pesquisa no contexto.

Trazer para a pesquisa, como “material” significativo, a experiência do pesquisador no ato de pesquisar, aponta para uma “nova ordem” na produção de conhecimento cientificamente válido. O que é vivido pelo pesquisador, enquanto ele pesquisa, mobiliza e viabiliza o acesso à transversalidade e ao plano comum. Busca-se, portanto, resgatar a dimensão do sensível como abertura e orientação no processo de pesquisa, mediante o cultivo do olhar e da atenção aos movimentos em curso e aos efeitos destes sobre o pesquisador, pesquisados e o campo. **O funcionamento da atenção do pesquisador** é fundamental no trabalho de pesquisa cartográfica (Kastrup, 2012).

Tomamos aqui o olhar e a atenção como gestos complementares e simultâneos que acontecem como experiências e ações em movimento, encarnadas corporalmente na pessoa do pesquisador e, por isso, dizem respeito à qualidade da sua presença e implicação no contexto que pesquisa. Em cartografia, fala-se de uma atenção e de um olhar concentrados mas, ao mesmo tempo, flutuantes e abertos, em um movimento nômade, que só se detém o tempo suficiente e necessário ao que emerge para, logo em seguida, colocar-se novamente em curso pelo chamamento dos acontecimentos em movimento. (Kastrup, 2012).

O olhar e o estar atento são gestos, disposições que acontecem no corpo de quem os realiza, encarnando-os como ação. Isso lhes dá uma consistência ao nível de

vivência/experiência/existência porque, o que daí se articula e se produz como ação-reflexão, não coincide com pura abstração lógico-conceitual, fundada em princípios epistemológicos que separam corpo e mente, sensível e racional. Desse modo, situar a produção de conhecimento em um viés que vitaliza o sensível e o corpóreo como disposição e abertura, potencializa a relação direta e imediata do pesquisador com o seu campo/contexto de estudo.

A aprendizagem para uma atitude cartográfica em pesquisa passa, fundamentalmente, pelo cultivo do olhar e da atenção aos processos em curso porque, embora se faça necessário um aporte teórico como alicerce e diretriz, o que conta efetivamente é a capacidade de abertura sensível aos acontecimentos em trânsito. Ou seja, a formação do pesquisador na prática da cartografia passa pelo cultivo da dimensão dos afetos, como afetabilidade, próprio ao modo de ser-humano-no-mundo. Então, nessa medida, a sua formação só se torna possível “em campo”, no mundo. **A formação do cartógrafo é o mundo** (Pozzana, 2014).

A partir dessas pontuações podemos inferir que o método da cartografia concebe a prática da pesquisa como ação corporificada no pesquisador-em-sintonia-com-o-contexto-de-estudo a produzir saber pelo fazer.

4 | FENOMENOLOGIA E MÉTODO DA CARTOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora possuam especificidades muito sutis quanto ao modo de como realizam a prática da pesquisa propriamente dita, as relações entre fenomenologia e o método da cartografia nos parecem pertinentes pelo tipo de política cognitiva que ambas adotam, apontando para a existência de princípios compartilhados.

Um dos aspectos interessantes a ser considerado diz respeito ao questionamento ao modelo de ciência criado no contexto da modernidade que se impôs à totalidade das áreas de conhecimento, de modo hegemônico: o conhecimento cientificamente válido deve se ocupar de fenômenos observáveis, passíveis de controle e repetição, mensuráveis e generalizáveis, mediante a aplicação de um método capaz de esterelizar o sujeito do seu enraizamento sócio-histórico e dos seus afetos para fazer emergir o “sujeito pura razão”.

Fenomenologia e cartografia buscam se ocupar de fenômenos e acontecimentos naquilo que eles trazem de expressivo do modo humano-de-ser-no-mundo, em toda a sua diversidade e complexidade, o que foge completamente do suposto controle racional imposto pela cognitiva gestada na modernidade. O âmbito do humano nos lança à lida com o imprevisível, transitório e efêmero. Neste âmbito, uma árvore não é apenas uma árvore; ela tem cor, sabor, cheiro, evoca lembranças, memórias, sentimentos, acontecimentos, entre muitas outras coisas. E assim, no contexto do humano, qualquer coisa não é simplesmente uma coisa, porque não está circunscrita apenas à utilidade para a qual foi criada, produzida, pois tudo é acontecimento, história, cultura, inclusive o próprio homem.

Seguindo esta linha de raciocínio, em fenomenologia e cartografia, uma determinada realidade que se coloca como foco de estudo não é concebida/projetada como algo já dado de antemão, e não há nenhuma significação preexistente a ser desvelada ou apreendida. Ambas as perspectivas entendem que não existem coisas em si, como expressão de exterioridade, nem tão pouco sujeito em si, como expressão de interioridade. Sujeito-objeto, homem-mundo, dentro-fora são cooriginários e coemergentes. Isso implica no questionamento sobre a neutralidade, tão valorizada como condição de acesso à produção do saber científico.

Produzir conhecimento é posicionar-se e tomar posição no mundo. Nenhuma ciência é neutra porque ela nasce como necessidade de resposta às inquietações humanas em meio ao mundo humano, situado, datado e encarnado em cada sujeito em sua multiplicidade expressiva. Por não ser neutra, a ciência e o conhecimento por ela produzidos trazem a marca do olhar daquele que o produziu. Em outras palavras, a realidade problematizada como locus de pesquisa, encontra-se na dependência do olhar daquele que a percebe, pois, o que é relevante numa realidade não se separa do que é relevante ao olhar do pesquisador.

A esse respeito, diz-nos Critelli (1996, p. 16): mais do que ponderar a respeito de instrumentais, o delineamento de uma metodologia de investigação e análise fundada na fenomenologia deverá cuidar do *talhamento de um olhar*” (grifos da autora).

O olhar, a atenção são fundamentais para a fenomenologia e para a cartografia porque expressam o grau de abertura aos acontecimentos e aos movimentos processuais por eles engendrados. Eis aí, o ponto de liga primordial na prática de pesquisa sugerida por estas perspectivas: manter o pensamento aberto, deixando-se guiar pelos processos em curso, fazendo da prática de pesquisa uma experiência irrepetível.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. Pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. In: KLÖCKNER, F.C.S. (Org.). **Abordagem centrada na pessoa: a psicologia humanista em diferentes contextos**. 2ª ed. Londrina: EduUniFil, 2010.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.) (2012). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** 3ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. v. 1. Ed. 34. Rio de Janeiro: Letras, 2011.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 92-108.

DRAWIN, C. R. Psicoterapias: elementos para uma reflexão filosófica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Ano da psicoterapia: textos geradores**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia (CFP), 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Noções básicas de cartografia**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/introducao.htm. Acessado em 01 mar 2016.

KASTRUP, V. (2012). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51

KATRUP, V.; PASSOS, E. (2014). Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 15-41.

MONDIN, B. (1981). **Curso de filosofia**. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 1981.

PASSOS, E.; BENEVIDES DE BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 17-31

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

POZZANA, L. (2014). A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 42-65.

VARELA, F. **Ética y accion**. 1996. Disponível em: <http://www.manuelugarte.org/modulos/teoria_sistemica/etica_y_accion.pdf> Acesso em: 19 abr. 2016.

SOBRE O ORGANIZADOR

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2005), com especialização na modalidade médica em Análises Clínicas e Microbiologia. Em 2006 se especializou em Educação no Instituto Araguaia de Pós graduação Pesquisa e Extensão. Obteve seu Mestrado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto de Ciências Biológicas (2009) e o Doutorado em Medicina Tropical e Saúde Pública pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (2013) da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado em Genética Molecular com concentração em Proteômica e Bioinformática. Também possui seu segundo Pós doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Aplicadas a Produtos para a Saúde da Universidade Estadual de Goiás (2015), trabalhando com Análise Global da Genômica Funcional e aperfeiçoamento no Institute of Transfusion Medicine at the Hospital Universitätsklinikum Essen, Germany. Palestrante internacional nas áreas de inovações em saúde com experiência nas áreas de Microbiologia, Micologia Médica, Biotecnologia aplicada a Genômica, Engenharia Genética e Proteômica, Bioinformática Funcional, Biologia Molecular, Genética de microrganismos. É Sócio fundador da “Sociedade Brasileira de Ciências aplicadas à Saúde” (SBCSaúde) onde exerce o cargo de Diretor Executivo, e idealizador do projeto “Congresso Nacional Multidisciplinar da Saúde” (CoNMSaúde) realizado anualmente no centro-oeste do país. Atua como Pesquisador consultor da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Coordenador do curso de Especialização em Medicina Genômica e do curso de Biotecnologia e Inovações em Saúde no Instituto Nacional de Cursos. Como pesquisador, ligado ao Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás (IPTSP-UFG), o autor tem se dedicado à medicina tropical desenvolvendo estudos na área da micologia médica com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-403-0

